

O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar

The functionality of the abandonment of teaching work in
Physical Education within the school culture dynamics

Santiago Pich*
Universidade Federal de Santa Catarina

Pedro Augusto Schaeffer**
Universidade Federal do Paraná

Lucas Prado de Carvalho***
Centro Universitário Campos de Andrade

Resumo Este trabalho situa-se no campo de estudos da cultura escolar, considerada como uma importante chave de leitura para a compreensão internalista do dia-a-dia escolar, a partir da focalização a interação dos atores da instituição escolar. Tivemos como objetivo compreender o caráter funcional do abandono do trabalho docente da Educação Física para a dinâmica da cultura escolar. Tratou-se de uma pesquisa etnometodológica realizada em uma escola municipal de Curitiba – PR, utilizando como instrumentos para a coleta de dados o diário de campo e a entrevista biográfica. Observamos aulas de Educação Física das turmas do quarto e quinto ano do ensino fundamental. Constatamos que o abandono do trabalho docente na Educação Física se torna funcional para a cultura escolar existente, sendo esse abandono sustentado pelos diferentes atores da comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura escolar, Abandono do trabalho docente, Educação Física escolar.

Abstract This paper is the result of a research related to the school culture studies. The school culture is an important theoretical key for the internal comprehension of the day-to-day of the school, by focusing on the interaction of the school's actors. Our goal was to comprehend the functionalism of the abandonment of teaching in Physical Education (PE) for the school culture. It was an ethnomethodological research and carried out in a school situated in Curitiba – PR, using field diary and biographical interview as instruments for data collection. We observed two classes of PE, one of the 4th and another of the 5th school year. We concluded that the abandonment of teaching in PE is functional to the school culture, being supported by other actors of the school day living.

KEYWORDS: School culture, Abandonment of teaching work, Physical Education.

Introdução

O campo de estudos da cultura escolar tem crescido e se complexificado consideravelmente nos últimos anos. Esse movimento teórico denota o aumento do interesse do campo acadêmico em realizar trabalhos de pesquisa em perspectiva colaborativa com os diversos atores do cotidiano escolar, abrindo mão de uma postura legisladora (caracterizada na produção da pedagogia da Educação Física brasileira nos anos 80 e 90), para avançar no sentido da compreensão das diferentes dimensões envolvidas no processo de criação e recriação permanente da cultura escolar, e em particular da cultura escolar da Educação Física.

A tradição da Educação Física (fortemente ancorada no imaginário social) se caracteriza por simplesmente “fazer os alunos correrem” e “gastarem energias”, não demonstrando nem a intencionalidade pedagógica das atividades realizadas, nenhum alicerce didático-pedagógico, sobre o qual se constrói a proposta de ensino-aprendizagem desenvolvida. No imaginário social da escola, os profissionais da área, muitas vezes, são vinculados a imagem de professores que “jogam a bola” para os alunos e não necessitam de sustento teórico-metodológico, preparação e planejamento para suas aulas. Essa imagem depreciativa do professor de Educação Física, contestada e fortemente criticada na escola, precisa ser compreendida na sua relação com a cultura escolar instituída, no sentido de identificar também a aceitação tácita que ela recebe dos diversos atores da comunidade escolar.

Com base nesses pressupostos, situamos o registro deste trabalho no campo de estudos da cultura escolar, e tematizamos a relação desta com a cultura escolar específica da Educação Física no campo investigado. Assim, objetivamos compreender como a prática docente julgada como abandono do trabalho docente do professor de Educação Física pode ser estimulada pelos demais atores da comunidade escolar, bem como pode contribuir para satisfazer os questionamentos da função social da disciplina de Educação Física.

Para sustentar nosso trabalho, valemo-nos do conceito de cultura escolar de Antonio Viñao Frago (2000). Apoiamo-nos, também, na conceituação de abandono do trabalho docente de Santini e Molina Neto (2005), e nos critérios definidos por González e Fensterseifer (2006) para situar nosso entendimento de “aula”, bem como o seu contrário, uma “não-aula”.¹

O estudo foi realizado em uma escola municipal da cidade de Curitiba/PR, localizada numa região de alta vulnerabilidade social. Realizamos uma pesquisa etnometodológica (COULON, 1995a,b), tendo como sujeitos um professor e uma professora de Educação Física da escola, e acompanhamos as turmas do quarto e quinto ano do ensino fundamental, ao longo do segundo semestre de 2011 e do primeiro semestre de 2012. Para a coleta dos dados foram utilizados como instrumentos o diário de campo e a entrevista biográfica.

Estruturamos o texto em quatro partes: primeiro apresentamos os conceitos balizadores do trabalho; a seguir apresentamos o campo e seus atores;

para, na sequência, discutir as categorias de análise e, finalmente, fazemos um balanço do nosso processo argumentativo.

Cultura escolar e o abandono do trabalho docente

O conceito de Cultura escolar tem sido objeto de debate por diversos autores a partir dos anos 80 do século XX. Encontramos, em todas elas, um ponto em comum: a compreensão de que a escola é produtora de uma cultura própria, não sendo meramente um reflexo das determinações macrosociais. Assim, sua compreensão somente pode se dar no “corpo-a-corpo” do “dia-a-dia” das instituições escolares. Porém, observamos diferenças quanto ao posicionamento sobre o grau de autonomia da escola na produção da cultura escolar. Autores como André Chervel defendem um caráter criativo da cultura escolar (CHERVEL, 1991), enquanto outros se posicionam a favor de uma tendência reprodutivista da cultura escolar (reproduzindo o que ela própria produz), como Antonio Viñao Frago. Referenciaremos nosso trabalho com o conceito de cultura escolar de Frago:

A cultura escolar, assim entendida, estaria constituída por um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, padrões, rituais, inércias, hábitos e práticas [...] sedimentadas ao longo do tempo na forma de tradições, regularidades e regras de jogo, que não são colocadas em questão, e que são compartilhadas pelos atores no contexto das instituições educativas. (FRAGO, 2002, p. 73)²

Amparados nesse conceito, consideramos que para compreender a cultura escolar do campo pesquisado, se faz necessário entender e observar não somente o professor e suas aulas, mas toda a estrutura escolar, seus agentes, ritos e tradições. Assim, buscamos, através da pesquisa de caráter etnometodológico, estar atentos para as minúcias do campo e entender mais sobre as normas, rituais, hábitos e práticas de todos os participantes do ambiente escolar que nos inserimos e tornamos parte. Diante dessa definição, podemos analisar nosso campo a partir da sua organicidade, considerando suas tradições e cargas históricas que necessitam constantemente de apoio e afirmação dos outros agentes (ou são também por eles tensionadas ou questionadas). Entendemos também, que cada ambiente escolar conta com sua própria cultura, não sendo possível trabalhar com um olhar universalista da cultura escolar.

Faz-se necessário compreender a tradição da Educação Física, como uma carga histórica que o sujeito incorpora ao longo da sua história de vida na Educação Física. História que não começa somente com o início da atividade profissional como professor, mas se origina de suas experiências de formação acadêmica e formação colegial como aluno ou atleta. Por outro lado, esse processo de constituição identitária não se limita a “sofrer” a carga da tradição, mas a ter uma forma singular de atualização de recriação dela (DUBAR, 1998).

Outra característica marcante da tradição recente da Educação Física escolar tem sido o fenômeno do abandono do trabalho docente (SANTINI; MOLINA NETO, 2005). Para esses autores, o conceito significa que professores

“abrem mão de seu compromisso ético, político, pedagógico-profissional de ensinar, porém continuam no emprego, imobilizados ou por falta de opção ou por certo conformismo vinculado a sua estratégia de sobrevivência no sistema” (p. 212). De forma complementar ao conceito anterior, e para situar o nosso entendimento e os critérios que nos permitem definir o abandono do trabalho docente, apresentamos o conceito de aula balizador desta pesquisa:

[...] acontece uma aula quando ocorre uma intervenção intencionada por parte do professor para possibilitar o acesso à aprendizagem de um conteúdo específico e/ou desenvolver uma capacidade particular, considerados responsabilidade da escola, e, na qual, se empenha em envolver a totalidade dos alunos que pertencem de direito ao grupo administrativamente definido como turma, que, por sua vez, se articula com uma seqüência de aulas dentro de um projeto, o que exige procedimentos didático-pedagógicos específicos e se desenvolve num tempo específico. (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2006, p. 6)

Assim, toda prática pedagógica realizada pelo professor que não se realize no contexto de um projeto de ensino-aprendizagem e busque abranger todos os alunos da turma, é considerada por nós abandono do trabalho docente, portanto como uma não-aula.

O campo, seus atores e a cultura escolar da Educação Física

A escola na qual foi realizado o trabalho de campo se situa em zona periférica do Município de Curitiba, com altos índices de pobreza e violência, os alunos são oriundos de famílias numerosas e de baixa renda que residem nas suas proximidades. No entanto, a instituição conta com uma infraestrutura adequada, contendo ginásio coberto, quadra externa, salas de aula com tv, biblioteca e laboratório de informática. Na área da Educação Física os professores contam com uma sala com ampla diversidade de materiais, como raquetes de tênis, diversas bolas, cordas, arcos e elásticos.

A escola atendia na época 760 alunos nos três turnos. Durante o período de imersão em campo, segundo semestre de 2011 e do primeiro de 2012, observamos duas turmas do turno vespertino, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, ambas com 34 alunos. Focamos nosso estudo nas práticas dos professores de Educação Física, porém buscando entender as relações da disciplina com os demais atores do cotidiano escolar. Durante a observação, houve uma substituição do professor, por conta da licença prêmio. Ele foi substituído no segundo semestre de 2011 por uma professora contratada através de processo seletivo simplificado (PSS).

O professor de Educação Física observado, Luciano,³ trabalhava havia mais de seis anos no colégio, e possui o vínculo de professor efetivo, tinha 41 anos e é formado em uma universidade federal. Desde criança, sempre foi atleta e esteve envolvido com várias modalidades esportivas na sua fase colegial. Por ter uma mãe e uma tia professoras, e por gostar muito de praticar esportes desde sua fase de atleta, sonhara em ser professor e trabalhar com Educação Física escolar. Hoje,

se encontra extremamente realizado e conta com o apoio e admiração de todos os alunos e professores do colégio, no entanto ele desenvolve uma prática pedagógica considerada de abandono do trabalho docente.

A professora Luzinete tinha 39 anos, optou pela Educação Física por sua afinidade com os esportes e com sua professora de Educação Física colegial. Embora valorize sua formação inicial, ela entende que foi insuficiente para lhe permitir se apropriar dos elementos necessários para poder desenvolver uma prática pedagógica qualificada na escola, o que a motivou a procurar um curso de pós-graduação *latu-sensu* para suprir essa lacuna. Embora, afirme que desde pequena quis ser professora, Luzinete não encontra hoje satisfação na profissão, o que se reflete também na sua vida pessoal. Entretanto, ela não abre mão do seu compromisso com a formação humana qualificada.

No campo investigado, o abandono do trabalho docente da Educação Física para a cultura escolar pode ser justificado (e tornar-se funcional) com base na expectativa e aceitação dos demais agentes da cultura escolar instituída. Esse quadro se confirma por seu oposto: os professores que procuram “dar aula”;⁴ encontram sérias dificuldades que os afetam tanto na constituição da sua identidade profissional, bem como na sua vida pessoal. Esse viés argumentativo conduzirá nossa exposição, procurando demonstrar como posturas de trabalho docente se confrontam de forma diferente com a cultura escolar instituída. Com base no material empírico, elaboramos três categorias de análise que condicionam esse estado: 1) os dirigentes escolares e a função que, para eles, a Educação Física deveria cumprir; 2) os alunos e suas expectativas para a disciplina; 3) a visão do próprio professor sobre o que é uma aula de Educação Física.

A direção da escola e a subalternidade da Educação Física

Inseridos, no colégio, compreendemos que para a Direção da escola, a disciplina de Educação Física tem como objetivo principal “gastar as energias dos alunos”. Podemos constatar, na fala do professor Luciano, uma ideia semelhante, e reflete as expectativas tanto dos dirigentes escolares com relação às aulas de Educação Física na escola: “(...) aula boa, é aula que cansa, fazendo os alunos ficarem mais calmos e gastar as energias.” (Diário de campo 04-05-2012). Essa compreensão da Educação Física ser uma disciplina subalterna se vê reforçada na ideia expressada pela Diretora da Escola, Profa. Carolina, quando perguntada sobre o papel da Educação Física na formação dos alunos, ao que ela respondeu ressaltando a contribuição dessa disciplina no melhoramento das relações interpessoais e no seu caráter recreacional. Vejamos as palavras da Diretora a seguir:

Nós vemos a disciplina de Educação Física com grande importância no desenvolvimento corporal da criança, no trabalho em grupo, na vivência em equipe, no viver em comunidade. [...] A Educação Física serve também como uma atividade de entretenimento para os alunos, um ambiente mais descontraído onde eles podem atuar mais livremente do que seria em algumas

outras disciplinas. (Entrevista Prof. Carolina – Diretora da escola)

A relação subalterna da Educação Física com as demais disciplinas para a direção fica clara na reunião de pais realizada durante o estudo. Os professores de Educação Física, Artes, Música e Informática deveriam cuidar dos alunos no ginásio enquanto os demais professores estavam em reunião com os pais. Alguns professores demonstraram certa indignação; mas uma postura cômoda e tranquila pôde ser percebida na fala do professor Luciano ao tentar acalmar os ânimos da professora Leila inconformada com a situação:

Relaxa Leila, isso ai é muito bom porque assim não precisamos ficar nessas reuniões chatas e ficamos na quadra nos divertindo com os alunos. Eu acho isso muito bom, porque é muito chato ter que aguentar pai falando um monte de coisas. Você tem que levar essas coisas menos a sério. (Diário de campo 16-04-2012)

Essa condição de um status secundário da Educação Física escolar,⁵ é percebida na fala do professor Luciano, pois se trata de um dos principais atores da cultura escolar da Educação Física na escola. Ele mostra uma posição de aceitação da função atribuída à disciplina de Educação Física como espaço de recreação e guarda das crianças. Postura docente que é alimentada, principalmente, pelos dirigentes do colégio. Luciano assume, com satisfação, o reconhecimento em sua fala quando é questionado sobre seu relacionamento com os demais professores e a Direção da escola:

É tudo tranquilo. Com os outros professores e com a Direção sou amigão também. Eles já sabem o meu jeito de trabalhar, sabem que eu gosto de ficar é na quadra fazendo minhas atividades. A direção e os outros professores respeitam muito meu trabalho e sempre fazem elogios e alguns até chegam a me perguntar como eu faço pra ser tão amado e querido pelos alunos (risos). (Entrevista Biográfica Luciano)

Na fala do professor, podemos notar que sua prática é incentivada e reconhecida pela Direção do colégio e os colegas de outras disciplinas, sendo esse um dos fatores que concorrem para a reprodução do trabalho do professor. Devemos apontar ainda, que ao longo do segundo semestre de 2011, houve uma alternância de três professores com uma das turmas acompanhadas, e que não existiu qualquer preocupação, por parte dos dirigentes escolares, com a fragilização da formação dos alunos. Eles somente se importaram com que os alunos tivessem alguma “ocupação” no tempo destinado à aula de Educação Física.⁶

Por outro lado, a professora Luzinete mostra uma postura diferente diante do seu trabalho. Ela assume um compromisso firme com a formação do aluno; reconhece um conhecimento específico para a disciplina de Educação Física; e desenvolve um distanciamento na relação com os demais atores escolares. Vejamos o entendimento da professora sobre a especificidade do conhecimento da Educação Física:

Eu acho que eles (os alunos) não vão sair sabendo tudo completamente, mas sim que eles vão aperfeiçoando os movimentos que são passados. Ou seja, pra mim meu objetivo é que o aluno saia mais aperfeiçoado nos movimentos que eles aprendem na aula. Acho também, que o respeito com o próprio corpo e com o colega são elementos que os alunos têm que sair sabendo e conscientes. (Entrevista biográfica Luzinete)⁷

Nesse sentido, a professora reconhece uma especificidade do conhecimento da Educação Física e entende que seu papel consiste em mediar o processo de apropriação desses saberes por parte dos alunos. Salientamos ainda, que para ela a dimensão conceitual não é inerente ao conhecimento específico dessa disciplina escolar. Já, sobre relação com a Direção escolar ela afirma:

Eu tento ser o mais profissional possível, sem me envolver muito em assuntos que possam gerar alguma polêmica na escola. Já houve épocas em que eu me envolvia muito mais, mas aprendi a ficar longe de algumas discussões que hoje considero desnecessárias. (...) E, relação com a direção eu tento fazer de forma impessoal o mais profissional possível também, entende?. (Entrevista biográfica Luzinete)

Notamos, nas palavras acima, a importância dada ao caráter “profissional” e “impessoal” do trabalho; termos que, por sua vez, se implicam, para caracterizar as relações de Luzinete com os demais atores da escola. Entendemos essa postura significativa, ao denotar a força que teve na constituição da identidade docente de Luzinete, a tentativa de realizar um investimento maior com a pretensão de operar modificações na cultura escolar instituída, que a levou a assumir uma atitude mais conservadora, se limitando a realizar seu trabalho sem envolvimento com questões mais amplas da escola. Esse movimento é atribuído pela professora ao fato dela ter ficado “mais madura”:⁸

As expectativas dos alunos de uma aula de Educação Física e a postura do professor

Desde o início do estudo, foi possível compreender que o professor Luciano é admirado e respeitado, além de ser referência para seus alunos. Em suas aulas busca sempre a aceitação dos alunos, sendo muitas vezes levado a deixar de lado seu compromisso com o ensino. Nesse sentido, citamos uma fala de Luciano, esclarecedora, na sua preocupação com a aceitação da turma:

Luciano vem até a minha direção e alegremente me cumprimenta dizendo: ‘Olá (...), hoje vamos ter a aula preferida da turma, aula livre’. E, brevemente lhe pergunto qual a razão da aula livre e Luciano rapidamente responde: ‘Eles sentem falta, e uma vez por mês sempre é bom para o professor descansar também’. (Diário de campo 04-05-2012)

Suas aulas são realizadas com o objetivo de satisfazer os desejos da turma e também visando conseguir o maior número de adeptos e participantes.

Assim, suas aulas são muito bem aceitas e o trecho a seguir nos mostra a admiração de uma aluna:

Já em sala, esperando o final da aula, uma aluna se levanta e pede para o professor se poderia escrever algo no quadro, Luciano a autoriza. Para a surpresa do professor ela escreve as seguintes palavras: “Luciano = amor eterno”. Ela termina de escrever, dá um abraço no professor e depois vem me dizer que ele é seu professor favorito e que nunca vai esquecê-lo. Para tal manifestação a aluna alega que: “Ele é muito querido, abraça a gente, brinca com nós, pergunta de nós e da nossa família. Por isso que eu gosto dele.” (Diário Luciano 13/04/2012)

A relação de afeto do professor com os alunos gera uma grande aceitação de sua prática docente e de seu jeito “tranquilo” de ser. Em síntese, podemos dizer: as expectativas dos alunos com relação à disciplina se encontram em primeiro lugar no plano afetivo, no vínculo estabelecido com o professor. Assim, o professor Luciano parece suprir uma demanda afetiva dos alunos que não encontra eco em outros espaços escolares, o que justifica sua atuação docente pela via da afetividade e não do conhecimento, sendo funcional à cultura escolar instituída.

A professora Luzinete, de maneira diferente, não privilegia no seu trabalho “cativar” os alunos afetivamente, mas entende que a apropriação do conhecimento específico da disciplina é central, sendo ela muito rigorosa com relação a alcançar as metas estabelecidas. Vejamos o entendimento da professora:

Eu acho assim, sou uma pessoa muito exigente, e as coisas tem que ser assim do jeito que eu planejei, entendeu? E eu acabo percebendo que nunca acaba sendo do jeito que eu realmente queria e também percebo que sou muito perfeccionista em tudo que faço e também com os alunos entende?. (Entrevista Biográfica Luzinete)

Essa postura, que preza pela exigência com os alunos,⁹ tem um “alto custo” na vida profissional e pessoal dela. Outro aspecto importante a ser ressaltado neste momento é a diferença entre o perfil do trabalho docente por ela desenvolvido e aquele que a inspirou.

Embora se reconheça como uma professora exigente e rígida, afirma que os professores que mais exerceram influências na sua formação tinham um perfil oposto; e nesse sentido admite seu desapontamento consigo mesma. Ela nos diz:

Eu me dava muito melhor com os professores que davam mais liberdade. Liberdade para a gente pensar de outras maneiras. (...) eu tenho que admitir que me assemelho muito mais aos professores que eu não gostava de ter aula. Pois, sou muito perfeccionista e peço muito nisso, em querer que meus alunos façam os movimentos exatamente como eu proponho nas aulas. (Entrevista biográfica Luzinete).

Professor Luciano: Do professor de gabarito ao que “conhece os atalhos”

Quando optou pelo curso de Educação Física, Luciano estava ciente do que teria pela frente. Teve contato com vários esportes e, sempre, acompanhou os professores de Educação Física de seu colégio. Desde o início de sua graduação, buscou aprofundar-se na Educação Física escolar e tinha como foco ser um professor que faria a diferença – especializado, “de gabarito” – como no trecho a seguir:

Eu sempre convivi com meus professores de Educação Física desde pequeno. Muito por causa dos jogos que participava quando era atleta, sabe? Então eu já sabia mais ou menos as dificuldades da profissão, os “perrengues” e os principais pontos negativos. Mesmo assim, escolhi fazer Educação Física porque era e sou apaixonado até hoje pela área. Mas, entrei sabendo que o profissional de Educação Física tem que se esforçar para conseguir seu espaço, tem que correr atrás e buscar ser aceito na escola. Entrei querendo ser um professor de gabarito. (Entrevista Biográfica Luciano)

Outro aspecto importante do professor a ser observado é a tranquilidade de lidar com suas próprias expectativas profissionais e da sua prática docente. Ao ser perguntado se em algum momento do curso de graduação ou até da própria atuação docente havia passado por alguma crise, o professor nos responde:

Não, é engraçado isso porque desde o início até o dia de hoje eu nunca passei por crise nenhuma. Sempre estive certo do que queria fazer e já entrei na faculdade com a ideia de estudar e me aprofundar mais na Educação Física escolar, pois minha ideia sempre foi trabalhar como professor na escola. (Entrevista Biográfica Luciano)

Luciano nos conta que ao longo dos anos de trabalho como professor foi aprendendo os “atalhos”, e a única mudança na sua atividade docente foi participar menos de algumas aulas e não se preocupar com certos problemas. A respeito da experiência adquirida e das mudanças, Luciano relata, ter aprendido através dos “atalhos” o que precisava fazer para se manter em bom estado de saúde física e mental. Ele nos diz:

Não enfrentei nenhuma dificuldade. Sempre fui um cara muito tranquilo, então, na maioria dos casos que os professores perdem a paciência e desistem, eu fico tranquilo e tento preservar os cabelos que ainda me restam (risos). (Entrevista Biográfica Luciano)

E sobre os atalhos ele acrescenta:

[...] Com o tempo a gente vai aprendendo os atalhos. Comecei a perceber que para satisfazer os alunos e até a direção, eu não precisava cansar e nem me envolver tanto. Isso me cansava demais fisicamente. Então comecei a ficar mais fora da quadra,

monitorando um pouco mais de longe as atividades que levo para os alunos. (Entrevista Biográfica Luciano)

Fica evidente, nessa última fala, a importância dos diferentes atores sociais na valorização do trabalho docente realizado. Assim, com os “atalhos” decorados Luciano guia sua atividade docente para satisfazer tanto as expectativas da direção, quanto de seus alunos, e percebe, então, não haver necessidade de um maior envolvimento, e, por consequência, um maior desgaste em suas aulas. Essa descoberta contraria os trabalhos que apontam na direção de que o abandono ou desinvestimento do trabalho docente se vê reforçado pela falta de reconhecimento do trabalho do professor pela escola (BRACHT et al., 2012).

Esse reconhecimento dos diferentes atores sociais respalda a sua prática pedagógica, e, por sua vez, lhe permite justificar e sentir-se realizado com a sua carreira profissional, desde a escolha da profissão, passando pela formação inicial, até os dias atuais. Na fala abaixo vemos resumido esse posicionamento:

Poder fazer algo que eu sempre quis fazer, envolvendo pessoas e esportes, que é algo que eu sempre amei, é algo que me realiza. Poder fazer algo com o meu curso de graduação, me sustentar e ver que as pessoas ao meu redor reconhecem e valorizam meu trabalho me faz completamente satisfeito e torna o que faço muito gratificante. (Entrevista Biográfica Luciano)

Professora Luzinete: dos sonhos à realidade- um processo nem sempre agradável

Contrariamente a “tranquilidade” de Luciano, observamos a “angústia” de Luzinete. Ela, que desde criança sempre sonhou em ser professora, se encontra diante de uma encruzilhada entre precisar do emprego para poder sustentar sua família, e a completa insatisfação com as condições para realizar o seu trabalho docente. Para ela o sistema educacional trata os professores como meros operários que necessitam cumprir com as tarefas estipuladas, sem considerar o lado humano do professor. Percebemos que a cultura escolar impacta diretamente na pessoa de Luzinete, e, está estreitamente vinculado com o fato dela não assumir os “atalhos” como uma alternativa interessante, ao compromisso com a formação do aluno. Vejamos:

O que falta hoje em dia é uma maior preocupação com a qualidade de vida do professor. Eles acham que a gente não precisa de tempo para mais nada, a não ser se dedicar à escola. (...)

E, depois ela complementa com os olhos marejados e a voz embargada:

Sinceramente (...), hoje em dia não encontro mais satisfação total em nada do que faço, porque o meu trabalho suga minhas energias para qualquer outra coisa. (Entrevista biográfica Luzinete)

A cultura escolar existente sufoca e afeta diretamente as expectativas da professora Luzinete com a disciplina. Ela sofre a cultura escolar e de certo modo é

influenciada pelos hábitos e práticas que são valorizados. Na tentativa de continuar trabalhando, ganhando seu salário, sustentando sua família, a professora, muitas vezes sem força, acaba sofrendo com a cultura escolar existente e refletindo isso em suas práticas, nas quais um dia sonhara que fossem diferentes da professora que ela é hoje.

Considerações finais

A modo de uma síntese reflexivo sobre os achados da pesquisa, podemos concluir que o abandono docente da Educação Física se torna funcional à dinâmica da cultura escolar. Assim, observamos um paradoxo que parece ser um eixo fundante da cultura escolar investigada: o professor que assume o abandono de maneira positiva, o não compromisso com o ensino, portanto, o abandono do trabalho docente é reconhecido por isso – torna-se funcional à dinâmica da cultura escolar. Pois, através das práticas consideradas de abandono, o professor acaba suprimindo as expectativas da direção e dos alunos do colégio. Assim, o professor se sente realizado e completo, reforçando a manutenção de suas práticas. Por outro lado, a professora que assume o compromisso com a formação humana e não utiliza os “atalhos”, paga um preço altíssimo por manter essa postura, não recebendo o mesmo reconhecimento por parte dos demais atores escolares.

Através desse estudo, identificamos o que chamamos de “abandono funcional do trabalho docente”, permitindo-nos explicar um abandono baseado nas expectativas dos diferentes atores escolares, e, no caso pesquisado, supre satisfatoriamente todas às exigências com relação à disciplina da Educação Física. Isto é, o abandono funcional pode ser entendido como a prática docente que satisfaz as necessidades e perspectivas tanto do profissional de Educação Física (e poderia ser dos professores de outras disciplinas escolares) como também dos demais atores escolares, gerando assim, altos níveis de satisfação e realização pessoal, como os encontrados na pesquisa. Ainda, concluímos que as práticas de abandono docente nem sempre estão ligadas ao docente, que perdeu a vontade de ensinar, ou encontra-se em profunda crise profissional. O trabalho realizado nos leva a suspeitar que assim como a falta de reconhecimento pode ocasionar o abandono, nosso estudo propõe que é possível o inverso acontecer, objeto esse que pretendemos desenvolver em futuros trabalhos.

Este trabalho, realizado em uma escola pública de periferia, pode conter elementos que permitam superar o senso comum instituído sobre o estado de uma disciplina escolar que sofre diversas críticas quanto a sua função, sendo que seus críticos se revelam, nesta pesquisa, copartícipes do estado que tanto criticam.

Referências

- ALMEIDA, L.; FENSTERSEIFER, P. E. **Professoras de Educação Física: duas histórias, um só destino.** Movimento, Porto Alegre, v. 13, n. 02, p. 13-35, maio/ago. 2007.
- BRACHT, V. et al. **As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar.** Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abr./jun. 2010.

BRACHT, V.; FARIA, B de A.; MACHADO, T. da S. A inovação e o desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social. **Motriz**, Rio Claro, v. 18 n. 1, p. 120-129, jan./mar. 2012.

CHERVEL, A. Historia de las disciplinas escolares – reflexiones sobre um campo de investigación. **Revista de Educación**, Madri, n. 295, 1991, p. 59-111.

COULON, A **Etnometodologia**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995a.

_____. Etnometodologia e educação. In: **Sociologia da educação – 10 anos de pesquisa**. FORQUIN, J. C. (Org.). p. 299-350. Petrópolis: Vozes, 1995b.

DUBAR, C. **Trajetórias sociais e formas identitárias**: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 19, n. 62, Apr. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 ago. 2012.

GONZALEZ, F. J. ; FENSTERSEIFER, P. E. Educação Física e Cultura Escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. **CD-ROOM Anais... III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte**. Santa Maria – RS, 2006.

SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de educação física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física**. São Paulo, v. 19, n. 3, jul./set. 2005, p. 209-22.

SOUZA Jr., M.; GALVÃO, A. M. O. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 391-408.

VINÃO FRAGO, A. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação**. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Rio de Janeiro, n. 7, 2000.

_____. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Continuidades y cambios. Madri: Ed. Morata, 2002.

Notas

¹ Consideramos oportuno destacar que utilizamos esses conceitos de maneira heurística, entendendo-os, weberianamente, como “tipos ideais”.

² La cultura escolar, así entendida, estaría constituida por un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas [...] sedimentadas a lo largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho, y compartidas por sus actores en el seno de las instituciones educativas. [...] (FRAGO, 2002, p. 73)

³ Todos os nomes dos sujeitos mencionados são fictícios.

⁴ Ver Fensterseifer; González, 2006.

⁵ Essa questão vem ao encontro das análises feitas por Bracht, Faria e Machado (2012) de que a Educação Física é uma disciplina de “segunda classe” na escola, sendo vista muitas vezes como um “apêndice” dos demais componentes curriculares. Além disso, Souza Júnior e Galvão (2005) afirmam que as disciplinas cujo objeto se relaciona com a dimensão estética como artes e educação física, não gozam do mesmo prestígio que as demais disciplinas escolares

⁶ Esses aspectos apresentam semelhanças aos achados de Bracht et al. (2010).

⁷ Ressaltamos que não assumimos uma postura normativa sobre o que é uma “boa” aula de Educação Física.

⁸ Em outros trabalhos (ver ALMEIDA; FENSTERSEIFER, 2007) podemos ver processos semelhantes.

⁹ Aliada ao aspecto que salientamos no tópico anterior com relação ao valor dado pela professora ao caráter “profissional” e “impessoal” do seu trabalho.

* Professor Doutor do Departamento de Estudos Especializados em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

** Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física – UFPR.

*** Mestre em Educação Física (CDS/UFSC). Professor do Curso de Educação Física (UNIANDRADE/PR).

Correspondência

Santiago Pich – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Centro de Ciências da Educação – Departamento de Estudos Especializados em Educação – Campus Universitário Trindade – Florianópolis/Santa Catarina, Brasil – CEP: 88040-900 – Cx. Postal: 476.

E-mails: santiago.pich@yahoo.com.br – pedroaugusto113@hotmail.com – lucaspradocarvalho@gmail.com

Recebido em 22 de novembro de 2012

Aprovado em 17 de junho de 2013

